

ESTUDO DO GESTO DE APONTAR USADO PELAS CRIANÇAS EM MOMENTOS DE ATENÇÃO CONJUNTA

Kátia Araújo de Lima (UFPB)

Henrique Miguel de Lima Silva (UFPB)

Introdução

A partir de esquemas interacionais, as crianças incorporam, durante a trajetória da aquisição da linguagem seguimentos da fala dos adultos. No começo das interações a criança é totalmente dependente da fala do adulto/mãe, com o passar do tempo adquire a capacidade de representar as intenções e passa sozinho, a combinar vocábulos e fragmentos, a fim de estabelecer comunicação com o interlocutor. Esses vocábulos e fragmentos não aparecem sozinhos, são acompanhados anteriormente por gestos que emergem antes mesmo das crianças emitirem seus primeiros vocábulos, já sendo a forma primordial de comunicação entre o infante e sua mãe. O objetivo geral do nosso artigo é fazer um estudo comparativo do uso do apontar, e sua relação com a produção vocal infantil, em cenas de atenção conjunta em díades mãe-bebê em momentos que vão dos 9 aos 18 meses. Os tipos de atenção que iremos discutir são propostos por Tomasello (2003) são: atenção de verificação, atenção direta e atenção de acompanhamento, na qual a criança faz uso do apontar. A hipótese por nós defendida é a de que haverá uma diversidade quanto às intenções dos bebês ao usarem o gesto de apontar nos momentos de interações.

1. O apontar das crianças

Nos momentos de interação do bebê com a mãe, a criança faz uso de diversos gestos, olhares, expressões faciais, movimentos corporais para estabelecer uma troca comunicativa com o outro. Dentre esses gestos podemos citar os gestos pantomímicos, a gesticulação, a língua de sinais (LIBRAS) e os gestos emblemáticos.

Podemos explicar essa variedade de gestos usando o contínuo elaborado por de Kendon (1982), onde esse autor classifica os gestos evidenciando sua relação com a produção de fala. Segundo o contínuo de Kendon, os gestos pantomímicos são gestos que simulam ações e possuem um caráter narrativo, não tendo a obrigatoriedade de apresentar fala na sua execução. Já segundo Cavalcante (2008) a gesticulação se

caracteriza por traços, tanto de comunidades linguísticas, quanto de caracteres individuais, esse tipo gestual envolve movimentos corporais que acompanham o fluxo contínuo da fala. A língua de sinais (LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais) é compreendida como um sistema de sinais utilizados por pessoa de uma comunidade linguística específica, no caso, os surdos. O quarto tipo de gesto observado por Kendon em seu contínuo são os gestos emblemáticos, que são gestos que imitam ações, esses tipos de gestos são determinados pela cultura como, por exemplo, fazer sinal de legal com a mão foçechada e o dedo polegar de pé, balançar a mão aberta para um lado e para o outro fazendo uma meia lua, dando tchau para alguém, estender o dedo indicador flexionando todos os outros, apontando algum objeto ou alguém.

Dentre os gestos emblemáticos, tomaremos como foco do nosso artigo o gesto de apontar, que é considerado o mais nítido gesto pelo qual a criança se comunica com os seus interlocutores, e que, segundo o contínuo de Kendon (1982) não exige a obrigatoriedade de produção verbal em sua execução. A criança, porém, ao utilizar esse gesto nas trocas interativas com o outro, visa chamar a atenção deste para um objeto do seu interesse.

Por apresentar uma grande funcionalidade no âmbito da aquisição de linguagem, o gesto de apontar destaca-se como o gesto emblemático mais significativo nessa área de estudo. Tomando por base que a criança usa o gesto de apontar para chamar a atenção do seu interlocutor para um dado objeto de seu interesse, Cavalcante (1994) explica que o processo de referência se dá através dos objetivos de declarar e identificar, no entanto, raramente podemos identificar qual dos dois objetivos está sendo usado pela criança no momento em que essa faz uso do apontar.

Muitos autores buscaram estudar o gesto de apontar a partir de uma perspectiva ontogenética. Um dos autores que podemos citar imbricados nessa perspectiva é Bates, O'Connell & Shore (1987) que, em seus estudos, acreditam que o gesto de apontar seja o mais nítido gesto utilizado pela criança para se fazer referência a um determinado objeto observado por ele no meio físico.

Outro estudioso que podemos apontar é Millicent-Shinn (1900), para ele, o gesto de apontar desenvolve-se a partir de comportamentos ditos como exploratórios, visando

objetos distantes das crianças. A criança então começaria a apontar para objetos com o intuito de pegá-los, agarrá-los, e até de mostra-los para adultos.

Outros autores que também discorrem sobre os gestos de apontar são Werner e Kaplan (1963), para eles, este gesto se aplica a uma função cognitiva específica para a espécie humana. Segundo os estudos desses autores o prelúdio da finalidade cognitiva do gesto de apontar se dá num momento fora das trocas comunicativas, quando a criança experimenta o mundo, salientando objetos para que o outro também o observe. A criança se utiliza então, do dedo indicador como forma clara para diferenciar o outro com quem interage do objeto o qual ele está observando.

Ainda de acordo com esses autores, a visão que as crianças tem do mundo é de um meio em que existem inúmeras coisas com as quais ele pode interagir, tocar, pegar, agarrar, e essa visão vai mudando de acordo com a aquisição do conhecimento, esse mundo então passa a ser um meio no qual existem coisas para que ele possa observar. A construção dos signos simbólicos se já justamente através dessa apreciação das coisas presentes no seu mundo.

Ainda segundo Werner e Kaplan (1963), o ato de referência surge como um ato social nas trocas interativas estabelecidas nos momentos de atenção conjunta entre o bebê e seu telespectador, e não como um ato puramente individual. Quando aponta um determinado objeto, a criança chama a atenção do outro para também observar este objeto junto a ela. Neste sentido, os pesquisadores Bates, O'Connell e Shore (1987) concebem o gesto de apontar como a essência da referência, ou seja, o apontar seria um ato por meio do qual o bebê destaca um determinado objeto no mundo de e o oferece para que outra pessoa passe também a observá-lo.

De acordo com Cavalcante (1994), é imbricados na perspectiva ontogenética, que os estudos linguísticos de Clark (1978); Wallis (1979); Bruner (1983); Bates, Camaioni & Volterra (1987), relacionam o surgimento do gesto de apontar ao surgimento de alguns termos na língua como a dêixis e os atos de fala.

Clark (1978) afirma em seus estudos que, gestos como o apontar seriam os pioneiros da dêixis linguística, destacando que, do ponto de vista desenvolvimental, tais gestos vão sendo gradativamente substituídos por termos dêiticos da própria língua. A conexão do apontar à história desenvolvimental da dêixis, o distingue como um meio de

identificação de pessoas, eventos etc, feito pela criança que ainda não desenvolveu a linguagem verbal.

De acordo com Cavalcante (1994), a visão que concebe o apontar com atos de fala, descrita por Bates, Camaioni & Volterra (1979), concebe a vinculação deste e de outros gestos, no período de transição para a linguagem, como pioneiros dos performativos declarativos e imperativos da língua. Os gestos de apontar chamados de *protodeclarativos* são aqueles caracterizados quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro, já os gestos *proto-imperativos* são caracterizados quando a criança usa o adulto para obter um determinado objeto. A emergência de gestos *protodeclarativos* e *proto-imperativos* é observada quando a criança, segundo estes autores, começa a entender que suas próprias ações não são a origem de todos os eventos no mundo. Assim, o infante reconhece a necessidade do uso de elementos externos para que possa alcançar seus objetivos, como por exemplo, obter um objeto através do adulto.

Segundo Cavalcante (1994) os estudos acerca dos gestos concebem o gesto de apontar convencional como a extensão do braço e dedo indicador em direção a um objetivo, como os estudos de Butterworth e Franco (1989). Contudo, é conveniente destacar que os estudos que se detém na análise do gesto de apontar (Millicent-Shinn, 1900; Werner e Kaplan, 1963; Vigotsky, 1969; Clark, 1978) fazem menção ao apontar convencional (exceto, Fogel & Hannan, 1985 em: Bates, O'Connell & Shore, 1987, que mencionam o apontar exploratório).

Em sua pesquisa, Cavalcante (1994) considera o gesto de apontar como sendo um elemento do processo comunicativo que se amplia a partir de um processo de co-construção diádica, ou seja, nas trocas interativas estabelecidas entre mãe e criança.

De acordo com Costa Filho (2011) pode-se dizer que “*o gesto de apontar e a noção da atenção conjunta se cruzam na construção da referência, sendo esse gesto muitas vezes responsável pelo estabelecimento da atenção conjunta*”, o que nos leva agora, a apresentar a noção de atenção conjunta para um maior esclarecimento do que venha ser esse termo.

2. Cenas de atenção conjunta

Desde o nascer os bebês são envolvidos em momentos de carinho, atenção, interação com a sua cuidadora, momentos esses que são fundamentais para a constituição subjetiva da criança. Durante essas interações, a mãe procura identificar os sinais feitos pelos bebês no intuito de lhes garantir a maior comodidade possível, bem como já buscando inserir o infante num contexto de conversas e trocas sociais com o parceiro.

De acordo com Tomasello (2003), os bebês nascem dotados de um limitado número de competências cognitivas, que não notamos claramente no seu comportamento, mas que vão se desenvolvendo com o passar do tempo com a ajuda dos adultos a partir das interações estabelecidas entre eles e os bebês.

Para este autor existem pelo menos dois fatos pelos quais se podem classificar os bebês como sendo seres ultra-sociais, o primeiro é o fato de que as crianças estabelecem protoconversas com os adultos do seu convívio, o segundo pelo fato dos bebês “imitarem” alguns comportamentos corporais dos adultos. As protoconversas podem ser definidas como momentos de interações sociais estabelecidas entre mãe e bebê, no qual cada indivíduo direciona sua atenção para o outro de tal forma que possam transmitir emoções básicas entre si, uma vez que a mãe busca compreender e significar os sinais que o bebê transmite, como forma de estabelecer uma relação de carinho e afeto com o mesmo. Já a imitação dos bebês dos comportamentos corporais adultos aparenta ser não apenas um fato de repetir comportamentos já conhecidos por eles, mas sim uma questão de identificação com o outro, é o que aponta os estudos de Meltzoff e Gopnik (1993), de acordo com Tomasello (2003).

Para Tomasello (2003) porém, é a partir da revolução dos nove meses que os bebês começam a desencadear comportamentos que nos indicam uma evolução na maneira como eles compreendem o mundo, os objetos a sua volta e a si mesmo, é também nesse faixa etária que vai dos nove aos doze meses que os bebês começam a desencadear comportamentos de atenção conjunta, nos quais passam a compreender as pessoas a sua volta como seres que possuem intencionalidades, podendo desenvolver ações com objetos que podem ser acompanhados, dirigidos ou compartilhados.

Até os seis meses de idade os bebês só conseguem estabelecer relações diádicas, seja entre ela e um adulto ou entre ela e um objeto, ignorando um quando na presença

do outro. A partir dos nove meses, a criança já consegue inserir um terceiro elemento nos momentos de interação, o que resulta num triângulo referencial constituído por adulto, criança e objeto, como descreve Tomasello (2003).

É a partir dessa faixa etária que a criança começa a acompanhar o olhar e as ações dos adultos, muitas vezes imitando-os, estando envolvidos em longas sessões de interações com os adultos, uma vez que estes usam objetos como forma de mediar a ação, dessa forma, é nessa idade, segundo Tomasello, que os bebês começam a entrar em harmonia com a atenção dos adultos.

É ainda nessa faixa etária que os bebês começam a apresentar os gestos dêiticos, como o gesto de apontar, ou segurar, na tentativa de mostrar esse objeto a alguém. Para Tomasello (2003), esse gesto de apontar caracteriza de forma clara comportamentos triádicos, na medida em que apontam para algo que é externo aos participantes da comunicação, ao apontar um objeto, os bebês buscam fazer com que o adulto entre em harmonia com a sua atenção voltada para algo que está fora deles.

A partir de um estudo feito por Carpenter, Nagell e Tomasello no ano de 1998 com vinte e quatro crianças, numa faixa etária que vai de nove a quinze meses de vida, pode-se estabelecer três tipos de atenção conjunta: atenção de verificação, atenção de acompanhamento e atenção direta.

Na atenção de verificação que ocorre na faixa etária de nove a doze meses, temos um envolvimento conjunto do adulto e da criança com um terceiro elemento, uma vez que essa ação se manifesta apenas como forma de verificação do objeto por parte da criança, que divide sua atenção entre observar o objeto e observar o adulto, esse objeto então seria uma espécie de “obstáculo social”, um meio pelo qual a criança começa a estabelecer a sua interação com o ambiente.

Na atenção de acompanhamento, que vai dos onze aos quatorze meses de vida, a criança acompanha o olhar ou o gesto de apontar do adulto em direção a um objeto que será então o alvo da interação, pode-se dizer que o gesto de apontar seria um elemento constituinte desse tipo de atenção conjunta. Nesse tipo de atenção conjunta, o bebê desenvolve a aprendizagem por imitação, uma vez que repete o gesto do adulto como forma de interagir com o mesmo.

No terceiro e último tipo, a atenção direta, que ocorre dos treze aos quinze meses de vida da criança, o adulto participa de uma interação na qual o bebê desenvolve gestos tanto imperativos quanto declarativos de apontar. Nos gestos imperativos, os bebês esperam que os adultos façam algo para ele, já nos declarativos, os bebês esperam que o adulto compartilhe da atenção dada a tal objeto. O que difere esse tipo de atenção da anterior é o fato de que, na atenção direta o objeto se apresenta de forma mais explícita como centro da interação através da linguagem referencial do adulto quando insere o objeto na interação.

Segundo Costa Filho (2013), Butterworth (1995) faz uso de três mecanismos para explicar a atenção conjunta: mecanismo ecológico, geométrico e representacional espacial. No mecanismo ecológico a mãe orienta o olhar do bebê para uma determinada direção. No mecanismo ecológico, o bebê tem a capacidade de identificar o olhar da mãe e olhar na mesma direção dela. No mecanismo representacional espacial, o bebê controla a atenção do olhar partilhada com a mãe a partir dos movimentos feitos pela mãe com a cabeça e com os olhos.

Segundo este autor é possível correlacionar esses três tipos de mecanismos propostos por Butterworth (1995) com os três tipos de atenção conjunta discutidas por Tomasello (2003), onde a atenção de verificação se relaciona com o mecanismo ecológico, a atenção de acompanhamento com o mecanismo geométrico e a atenção direta se relaciona com o mecanismo representacional espacial.

O que podemos observar é que, ao relacionar a tipologia de atenção conjunta descritas por Tomasello (2003) e os mecanismo propostos por Butterworth (1995), há uma evolução quanto ao desenvolvimento da atenção conjunta juntamente com o desenvolvimento da criança onde podemos representar da seguinte forma expressa a baixo.

ATENÇÃO E MECANISMO	FAIXA ETÁRIA
Atenção de verificação e mecanismo ecológico	Em torno dos 7 meses
Atenção de acompanhamento e mecanismo geométrico	Em torno dos 11 meses

Atenção direta e mecanismo representacional espacial	Em torno dos 13 meses
--	-----------------------

A partir dessa tabela, podemos dizer que a atenção de verificação relacionada com o mecanismo ecológico surge nas trocas interativas entre mãe e criança, onde o bebê ainda não tenha adquirido o gesto de apontar como elemento comunicativo e não compreenda ainda o mundo a sua volta, uma vez que nesse tipo de atenção pode-se definir a localização do objeto apenas com a linguagem verbal no momento que se fala de tal objeto no momento da interação. Num segundo momento, a criança já faz uso do apontar, a atenção conjunta de acompanhamento relacionada com o mecanismo geométrico se estabelece a partir de um movimento executado pelo adulto que direciona o olhar da criança para o objeto que vai ser o foco da troca interativa. Num terceiro momento, a atenção direta relacionada com o mecanismo representacional espacial se estabelece quando a criança direciona a interação, onde ela e o adulto interagem tanto por linguagem verbal quanto por gesto.

Dessa forma, podemos notar que existe uma evolução da atenção conjunta de acordo com o desenvolvimento da criança, uma vez que é nas trocas interativas que a criança passa a compreender o mundo e evoluir cognitivamente, vemos isso expresso claramente através da do desenvolvimento da atenção conjunta.

3. ANÁLISES DOS DADOS

Fragmento 1: Díade C, idade 10 meses e 15 dias. **Contexto:** Nessa cena mãe e bebê estão sentadas juntas no chão com uma boneca.

	FALA E GESTO MÃE	FALA E GESTO BB
1	(olhando p/ o bb)	(bb olha para a mãe e depois volta a atenção para a cadeira)
2	(pega uma caixa de brinquedos, olha para o bebê e depois para caixa e aponta com o dedo indicador para o objeto) <i>abre lá caxa vai! Vai abri!</i>	(o bb olha para a mãe e depois para o objeto e se direciona a ele.)
3	(olhando o bb)	(bb abre a caixa, pega um obj de dentro e dá para a mãe)

4	<i>êita abriu a caixa! / Mi dê</i>	(olhando p/ mãe)
---	------------------------------------	------------------

No fragmento exposto acima, notamos logo no turno 1, que a criança divide sua atenção entre o objeto que está próximo a ele e sua mãe, quando esta interage com ele através de produções vocais. Podemos notar também que, no turno 2, a mãe chama atenção da criança para o objeto utilizando o gesto de apontar, a criança então, acompanha o gesto da mãe e logo em seguida dirige-se ao objeto por ela apontado.

Notamos que a criança, já consegue acompanhar e interagir com a mãe através do gesto de apontar da mesma, o que nos remete à atenção de verificação, descrita por Tomasello (2013), a qual ocorre justamente por meio dessa faixa etária. Uma vez que a interação descrita acima ocorre a partir do gesto de apontar e apenas como forma de verificação do objeto por parte da criança juntamente com o adulto, podemos dizer então que esse objeto vem a ser um meio pelo qual a criança começa a estabelecer a sua interação com o ambiente bem como com o adulto.

Fragmento 2: Díade I, idade 12 meses e 16 dias. **Contexto:** Mãe e bebê em um quarto sentado na cama. A mamãe dá comida ao infante.

	FALA E GESTO MÃE	FALA E GESTO BB
1	(segurando o prato na mão e olhando p/ o bb)	<i>Eh!</i> (deitado na cama olhando p/ a mãe)
2	(segura o prato na mão e olha para o bb)	<i>Eh!</i> (Aponta alguma coisa na estante e balança a cabeça para baixo)
3	<i>Vem cá.</i>	<i>Eh!</i> (fica na posição de engatinhar) [inc]
4	<i>Dá u quê?</i>	<i>Aba!</i> (de joelhos na cama)
5	<i>Água?</i> (pega a mamadeira com água coloca na boca do bb)	<i>Aba!</i> (toma água)
6	(segurando a mamadeira)	<i>Eh!</i> (Apontando e olhando o obj)
7	<i>O quê?</i> (ainda com a mamadeira na mão)	<i>Aba!</i> (Aponta o obj novamente)

8	<i>Tu qué água ô banana?</i> (coloca a mamadeira novamente na boca do bb) Bom!	(toma água depois balança a cabeça afirmativamente)
9	(coloca a mamadeira na estante)	<i>Hã, hã! Aba!</i>

Neste fragmento, em interação com a mãe, o bebê faz uso do gesto de apontar que Cavalcante (1994) chama de performativo *proto-imperativo*, que é caracterizado quando a criança usa o adulto para obter um dado objeto. No turno 1, o bebê aponta um objeto na estante, chamando a atenção da mãe, já no turno 2, ela chama o bebê sem se importar com o que ele está apontando. A mãe então faz uma pergunta ao bebê (turno 3) que é respondida com a com a produção vocal *aba!*, juntamente com o gesto de apontar, chamando atenção da mãe para algo do seu interesse, dessa vez a mãe faz uma nova pergunta, no turno 4, para confirmar o que realmente o bebê quer e ele repete a mesma produção vocal dita anteriormente *aba!*.

Podemos ainda confirmar a concepção de Costa Filho (2013), quando ele relaciona a atenção direta com o mecanismo representacional espacial, atenção essa que se estabelece quando a criança direciona a interação, onde ela e o adulto interagem tanto por linguagem verbal quanto pelo gesto de apontar, presente nesse momento interacional no turno 6.

Fragmento 3: Díade I, grupo 2, idade 13 meses. **Contexto:** Mãe e infante sentados no chão da sala com alguns brinquedos em volta.

	GESTO/FALA MÃE	GESTO/FALA BEBÊ
1	Dá uma	[comendo pipoca e assistindo TV]
2	Dá, dá pá mamãin [pedindo pipoca ao bb]	Bb olha para a mãe, aponta para a TV e da pipoca na boca da mãe

Neste fragmento, a mãe está junto com os bebês sentados no chão da sala em um natural momento de interação. O bebê que já anda e emite alguns balbucios interagem

com a mãe a partir da fala da mesma. Podemos ver que, a mãe faz um pedido à criança no turno 1 enquanto a criança direciona seu olhar para outro meio, a mãe então faz novamente o pedido no turno 2, o bebê olha para ela, aponta o que ele está olhando e dá comida na boca da mãe.

Este fragmento torna-se muito importante, pois ocorre um gesto protodeclarativo que são caracteriza quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro, no caso do fragmento, a criança chama a atenção da mãe para o que ele está assistindo.

Conclusões

Primeiramente podemos reiterar o que já fora dito sobre o gesto de apontar, onde ele vem a ser o mais explícito gesto pelo qual a criança estabelece a comunicação com o ambiente e as pessoas em sua volta. Outro dado importante sobre esse comportamento gestual é que ele não desaparece com a emergência das produções vocais dos bebês, e chega a desempenhar uma função importante nos momentos interacionais, uma vez que é através dele que se estabelece uma interação.

Podemos dizer ainda que o gesto de apontar se apresenta como um elemento dêitico que a vem a ser fundamental no estabelecimento da referência linguística nas interações mãe-criança, tendo em vista que, ao apontar, a criança estabelece uma interação chamando atenção para algo que está fora da língua, mas torna-se alvo da interação quando está ainda não consegue expressar seu querer através de produções vocais. Assim, consolida-se a perspectiva do gesto de apontar como co-participe na matriz da linguagem.

Outro dado importante que podemos confirmar com a observação e análise dos fragmentos é a que gesto e fala formam um conjunto indissociável que se baseia na concepção de que o funcionamento da língua é sempre multimodal de McNeill (1985).

Outro fator importante que podemos observar é que a atenção conjunta descrita por Tomasello (2003) é um processo fundamental no qual as crianças são inseridas para que possam desenvolver tanto suas capacidades gestuais quanto vocais, uma vez que é na interação que a criança vai amadurecendo e construindo seu significado de mundo.

Referências

BARROS, Andressa T. M. C. CAVALCANTE, Marianne. **O eu materno em três instâncias: deslocamentos na dialogia mãe-bebê.** VI Congresso Internacional da ABRALIN. João Pessoa, março de 2009.

BATES, E.; CAMAIONI, L. e VOLTERRA, V. **The Acquisition of Performatives Prior to Speech.** In: E. Ochs e B.B. Schieffelin (orgs.), *Developmental Pragmatics*, London, Academic Press. 1979.

BATES, E.; O'CONNELL, B. e SHORE, C. **Language and Communication in Infancy.** *Development*. New York: Wiley, pp. 149-191, 1987.

BRUNER, J. **Childs Talk: Learning to use language.** New York: Norton, 1983.

BUTTERWORTH, G. **Origins of Mind in Perception and Action.** In: MOORE, C.; DUNHAM, P. J. (Eds.). *Joint attention: Its origin and role in development*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

CAVALCANTE, M. C. B. **Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso.** *Revista Investigações Lingüística e Teoria Literária*. N.º Especial em homenagem a Luiz Antônio Marcuschi. Recife: Editora da UFPE, 21 v., n.º 2, 2008.

_____; NASLAVSKY, J. P. N. **A matriz inicial da subjetividade tendo como locus a dialogia do/no manhês.** In: *Aquisição da linguagem e processamento linguístico: perspectivas teóricas e aplicadas.* / Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Evangelina Mara Brito de Faria, Marcio Martins Leitão (Orgs.) – João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2011, págs. 11-38.

COSTA FILHO, J. M. S. **“Olá, Pocoyo!” A constituição da atenção conjunta infantil com o desenho animado.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

_____. **Perspectivas sobre atenção conjunta: da aquisição à consolidação da linguagem.** Artigo apresentado no Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem – ENAL. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – 2013.

KENDON, A. **The Study of Gesture: some remarks on its history.** *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry*, 2 v. p. 45-62, 1982.

MCNEILL, D. **So you think gestures are nonverbal?.** *Psychological Review*. Vol 92(3), Jul., 1985.

TOMASELLO, M. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano.** Tradução de Cláudia Berliner. Martins Fontes: São Paulo, 2003.